



“LOS” MANDATOS: A LITERATURA COMO DIALÉTICA ENTRE HISTÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA INDIVIDUAL

Patrícia da Silva SANTOS¹

Resumo: O ensaio busca analisar o livro *El Mandato* do escritor e filósofo José Pablo Feinmann a partir da discussão de como a narrativa ficcional estabelece uma relação com a história política da Argentina. Desse modo, alguns aspectos da trajetória individual dos personagens são lidos como alegorias do estado argentino. Além disso, procuro atentar para formas específicas de como o livro expõe elementos sociais, tais como a dominação masculina e os problemas de identidade típicos das nações latinoamericanas.

Palavras-Chave: Argentina. Mandato. Infertilidade. Dominação.

El Mandato, livro de José Pablo Feinmann publicado em 2000, narra, na verdade, não apenas um mandato específico, como indica o título no singular, mas intercala os três mandatos políticos do período de cinco anos circunscritos pela narrativa e o mandato que o personagem fictício Pedro Graeff, imigrante alemão que tornou-se órfão aos quinze anos, logo após a chegada na Argentina (na segunda metade do século anterior), incumbe a seu filho, Leandro Graeff. Assim, na narrativa há uma dialética muito fecunda, segundo a qual a intensa história Argentina no período entre outubro de 1928 e fim de 1933 se inscreve na história individual da família Graeff e, do mesmo modo, essa história individual remete, alegoricamente, à história do estado argentino. Público e privado não aparecem simplesmente como âmbitos excludentes, eles se imiscuem nos jogos alusivos formulados por Feinmann.

Os personagens de Feinmann possuem traços muito delimitados de personalidade, apenas no desfecho da história há uma grande reviravolta. Mas, do início até quase o fim da narrativa, eles aparecem quase como tipos-ideais. O patriarca da família, Pedro Graeff, é a figura do imigrante de sucesso, possui um patrimônio respeitável e tem sempre opiniões arraigadas sobre todos os tipos de polêmica: “[...] *era de los que creen que la voluntad lo puede todo* [...]” (FEINMANN, 2007, p. 16). María, sua esposa, é a típica “mulher privada”, possui um semblante triste, nenhum brilho e nenhuma vivacidade (“*una sombra*”, “*una ausencia*”, “*secreteta*” – FEINMANN, 2007, p.

¹ Doutoranda do Programa da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



64). Leandro Graeff, o filho, admira o pai incondicionalmente. A namorada e posteriormente esposa de Leandro, Laura Espinosa, aparece como professora de personalidade um tanto fútil, que adora *novelines* de amor. (“*El mundo de los novelines la arrojaba – con una lógica tan impecable como tenaz y hasta compulsiva – a otros mundos: al de la belleza, al de la salud y al de la moda*” – FEINMANN, 2007, p. 37). E Mario Bonomi, um personagem mais marginal, que, no entanto, adquire grande importância no decorrer da narrativa. Ele é um homem casado, com filhos, trabalha muito bem e possui toda a confiança de seus patrões (que, em determinado momento da história, passam a ser Pedro e Leandro Graeff).

Mas, além desses personagens fictícios, há personagens argentinos históricos que se imbricam na narrativa. Tratam-se das figuras que tinham alguma relação com a luta pelo poder argentino no período: Hipólito Yrigoyen, José Félix Uriburu, Agustín Pedro Justo, Leopoldo Lugones². Yrigoyen foi presidente argentino em dois períodos diferentes: primeiro entre 1916 e 1922, depois entre 1928 e 1930 (o período entre 1916-1930 é chamado de República Radical na Argentina). No segundo período (que se refere ao momento em que se inicia *El Mandato*) Yrigoyen já era um idoso e não teve controle sobre as diferentes forças que ameaçavam seu mandato: o exército, alguns grupos conservadores e a própria crise econômica advinda da Grande Depressão de 1929. Lugones foi um relevante escritor argentino e tornou-se um dos expoentes do Movimento Modernista. De anarquista passou a nacionalista reacionário quando apoiou o golpe que derrubaria Yrigoyen. Uriburu foi o general que liderou o movimento de golpe sobre o governo de Yrigoyen, em setembro de 1930 e Justo foi o presidente eleito em 1932, permanecendo no poder até 1938 (o período que vai do golpe militar até 1943 é conhecido como República Conservadora).

Esses personagens históricos são mobilizados no decorrer de toda a narrativa. Eles constituem a segunda “história” que ressoa (de maneira alusiva e indireta) a história pessoal e fictícia da família Graeff.

Vaterland

“[...] no *hablan de la madre patria, sino de Vaterland, la tierra del padre*” (p.

² As observações que seguem sobre essas figuras e sua relevância para o período histórico argentino são feitas com base no livro de José Luis Romero (1996).



105). Assim os alemães se referem ao país natal. Essa referência mais abrangente pode ser tomada como bastante alusiva à perspectiva mais particular da história individual narrada em *El Mandato*: se a nação é a “terra do pai”, também a família de Pedro Graeff se configura como território de sua propriedade. A história toda de *El Mandato* se desenvolve ao redor do desejo do patriarca: ter um neto. Parece simples, mas esse desejo toma dimensões muito fortes, a tal ponto que modula todo o desenrolar da vida dos personagens do livro. Pedro teve apenas um filho, pois a esposa tornou-se infértil após o parto de Leandro. Em outubro de 1928, no período de tomada de posse do “*viejo caudillo radical Hipólito Yrigoyen*”, o pai declara esse seu desejo ao filho, que, inocente, pensa: “*no es mucho*” (FEINMANN, 2007, p. 18). Ter um filho, possibilitar à família ir adiante, criar vida, levar adiante a existência: talvez não seja muito, mas, em certas circunstâncias, pode ser tudo. Como na dialética benjaminiana, inspirada na obra de Franz Kafka, o “nada” pode estar muito próximo de “alguma coisa” quando nos dedicamos a ele com afinco e fanatismo (BENJAMIN, 1985, p. 161). Quando o que “não é muito”, torna-se impossível, as complexidades se desdobram. É o que se passará ao longo da história narrada por Feinmann. Mas essa tragédia particular ressoa de maneira muito significativa a tragédia da nação argentina: isso reforça o interesse histórico da narrativa ficcional.

A história se inicia com a viagem de Pedro e Leandro a Buenos Aires durante a posse presidencial de Yrigoyen. Leandro nunca havia estado lá, mas o pai conhece bem a cidade. Eles moram em Ciervo Dorado – “*el pueblo en que ocurrirá la tragedia*” (FEINMANN, 2001, p. 7) – um povoado “*a doscientos kilómetros de Buenos Aires, en esa llanura caliente, dibujada durante siglos por el sol y por la soledad.*” (FEINMANN, 2007, p. 7)

Buenos Aires, ao contrário de Ciervo Dorado, aparece com o encanto típico da cidade “européia” da América Latina. Aliás, em muitas passagens do livro, o problema da fratura na identidade latinoamericana³ pode ser atestado a partir da recorrência frequente a referenciais externos. O Hotel City, onde pai e filho se hospedam em Buenos Aires, é um exemplo da necessidade de parâmetros estrangeiros:

un hotel de aire europeo, no español sino inglés y alemán, más inglés en algunos

³ A perspectiva é complexa e não cabe uma discussão nos limites dessa proposta, mas é possível citar como exemplo o posicionamento de Roberto Schwarz em “Nacional por subtração” (2006, pp. 29-48), para quem a imitação e a inadequação características de muitas esferas da vida social no Brasil e na América Latina são dimensões ideológicas da estrutura social.



aspectos – en el nombre, por ejemplo –, más alemán en otros – en el gran reloj obsesivamente tallado de la recepción, en la platería del comedor y, sobre todo, en un piano vertical Bechtein que definía el estilo y hasta el espíritu de la sala de estar –, pero, ya en su modalidad inglesa, ya en su modalidad alemana, impecablemente elegante, y hasta aristocrático. (FEINMANN, 2007, p. 15)

A “terra do pai”, em versão argentina, está recorrentemente pautada em referências ao exterior. Essa característica também aparece com relação à literatura. Numa passagem do livro, as histórias de Leopoldo Lugones (“*el poeta nacional*”) – autor de *El ángel de la sombra* (novela de amor “*injustamente olvidada*” que Laura deseja conhecer) – são comparadas à literatura produzida em países europeus.

¿Cómo sería la novela de amor de un escritor importante, serio, de un escritor como Lugones a quien se le confería el título de poeta nacional? Porque Laura no lo ignoraba: los escritores de los novelines no eran literatos importantes. No eran como Víctor Hugo, como Alejandro Dumas o como Anatole France. Lugones, sí. Lugones estaba a la altura de los más grandes escritores de la historia de la literatura. (FEINMANN, 2007, p. 19)

Da mesma forma, a amante de Pedro Graeff também possui o “glamour” do velho mundo (tão cobiçado por latinoamericanos como Laura Espinosa). Trata-se de Irene Von Döry, a viúva de um conde húngaro, a quem Graeff sustenta e faz visitas rotineiras em Buenos Aires.

Há, ainda, o clube alemão, com sua atmosfera de *Gemütlichkeit*⁴ (conforme as palavras de Pedro dirigidas ao filho: “*Esto es la Gemütlichkeit. Esta intimidad, Leandro, esta paz, esta certeza de estar en el hogar es la Gemütlichkeit*” – FEINMANN, 2007, p. 29). Situado também em Buenos Aires, o local é onde Graeff reencontra seus compatriotas e, juntos, eles discutem questões políticas pungentes do período, tanto relacionadas à Argentina, como à Alemanha. Os outros frequentadores do clube, também imigrantes e compatriotas de Pedro Graeff, são ligados ao exército e defendem um governo forte, que o velho Yrigoyen não poderia conduzir. Numa das primeiras conversas, antes ainda da posse do presidente dileto de Pedro, o Tenente Müller antecipa a revolução que derrubaria *el viejo* e colocaria em seu lugar o general Urriburu (“*el hombre fuerte de la patria*”). A força também aparece associada à alternativa que Hitler representaria na Alemanha – nesse momento, bastante envolta na crise econômica que reinou no período da República de Weimar.

⁴ Palavra alemã de difícil tradução que designa uma situação de pleno conforto e intimidade.



Assim, os dados da história (no duplo sentido de narrativa ficcional e História oficial) estão lançados: a posse de um governo argentino fadado à deposição e a incumbência imposta pelo pai, segundo a qual o filho deveria lhe dar um neto. Dois mandatos, igualmente desejados por Pedro Graeff, que se intercalam na história e, no entanto, estão condenados ao fracasso.

“Leandro echó una mirada al sexo de Mario” (p. 75)

Em *El Mandato* há também muitos elementos que permitem uma discussão relevante sobre gênero e sobre a arbitrariedade das relações de poder entre os sexos. Na breve descrição dos personagens que procurei desenvolver acima já aparecem elementos que demonstram que a família Graeff está montada sob bases tradicionais e patriarcais (o pai que decide tudo, a mãe “privada” e soturna, por exemplo). Além disso, há a futilidade e o mundo de sonhos da personagem Laura Espinosa.

Gostaria de retomar uma passagem específica do livro para articular algumas considerações. Trata-se de um episódio que configura uma espécie de *figura*⁵ do desfecho da história.

Leandro Graeff, já casado, torna-se muito amigo de Mario Bonomi (agora, um funcionário da empresa familiar). Um dia, após beberem muito e lutarem num bar contra outros homens com quem tiveram uma rixa, decidem ir para o rio. Lá, resolvem tirar a roupa para dar um mergulho. Leandro observa então o sexo de Bonomi.

Leandro echó una mirada al sexo de Mario. Era algo que asiduamente había hecho en los vestuarios del Club Atlético Rauch. Comparaba su pene con el de sus otros compañeros y esa comparación solía menoscabarlo. Sólo algunos tenían un pene más chico que el suyo; los otros, la mayoría, lo superaban. Sabía, no obstante, que su pene era grueso, que se dilataba en busca de una dimensión que amparaba su orgullo. Pero hubiera preferido destacarse en el largo, no en el grosor. H hubiera preferido – ésta era la verdad – las dos cosas. Que eran las que poseía Mario. (FEINMANN, 2007, p. 75)

⁵ O conceito de figura é utilizado aqui no sentido amplo discutido por Auerbach que comporta, ao mesmo tempo, verdade e história. “A interpretação figural estabelece uma conexão entre dois acontecimentos ou duas pessoas, em que o primeiro significa não apenas a si mesmo mas também ao segundo, enquanto o segundo abrange ou preenche o primeiro. Os dois pólos da figura estão separados no tempo, mas ambos, sendo acontecimentos ou figuras reais, estão dentro do tempo, dentro da corrente da vida histórica. Só a compreensão das duas pessoas ou acontecimentos é um ato espiritual, mas este ato espiritual lida com acontecimentos concretos, sejam estes passados, presentes ou futuros, e não com conceitos ou abstrações; estes últimos são secundários, já que promessa e preenchimento são acontecimentos históricos reais que ou já aconteceram na encarnação do Verbo, ou ainda acontecerão na segunda vinda.” (AUERBACH, 1997, p. 46).



O falo, símbolo supremo de masculinidade e, segundo uma perspectiva freudiana, elemento fundamental de poder, na medida em que organiza as relações de desejo entre os seres⁶, possui uma dimensão alusiva muito forte no livro de Feinmann. Após o mergulho, os dois ainda empreendem uma queda de braços, da qual Leandro sai vencedor, recuperando, assim, um pouco do orgulho que a vista do sexo do outro lhe tinha feito perder.

No decorrer da história, essa aproximação totalmente “masculina” entre o jovem Graeff e Bonomi ganha dimensões bastante fortes.

Após o casamento, passado certo tempo, Leandro e Laura foram percebendo que havia algum problema, pois não conseguiam engravidar. Ao passo que Bonomi tornava-se um funcionário dileto de Pedro Graeff, principalmente por uma dimensão de sua vida pessoal: havia tido já três filhos e encaminha-se para o quarto.

O problema da infertilidade recai então como uma suspeita sobre Laura. Ratificando as arbitrarias relações de gênero, a mulher é a primeira culpada caso um casal não consiga reproduzir⁷. Mas, após a realização de vários exames, Laura comprova que é “*fétil como la tierra* (FEINMANN, 2007, p. 108)”, conforme afirmação do médico, que ela própria reproduziria para Leandro na conversa que teriam em seguida. A expressão é bastante significativa, pois Laura não é apenas fértil no sentido reprodutivo (ao contrário de Leandro) *mas é fértil como a terra deveria ser*. Mas nem Leandro, nem a *tierra* argentina são férteis.

Essa dimensão da infertilidade do país é corroborada em uma conversa do filho de Graeff, em outono de 1932, com o tenente Müller no clube alemão. Nesse período, quem estava no poder era o general Agustín Pedro Justo (havia vencido a eleição de 5

⁶ Conforme artigo de Márcia Arán (2010), “[...] se a cena inaugural da psicanálise está associada à potência do feminino, ao revelar a crise do projeto civilizatório calcado na razão e na dominação masculina, Freud imediatamente iria recuar diante dessa empreitada e se dedicar a pensar como moldar essa sexualidade disruptiva. A partir da elaboração do Complexo de Édipo, duas teses sobre a sexualidade feminina irão predominar. A primeira diz respeito à maneira pela qual a menina torna-se uma mulher, ou seja, uma trajetória que pressupõe não apenas a mudança da zona erógena do clitóris para a vagina, mas também o afastamento da mãe em nome do desejo pelo pai, a qual irá resultar na teoria sobre a inveja do pênis. A segunda refere-se à potencialidade narcísica das mulheres, que sustentará a noção de mulher fálica, perigo iminente de uma sexualidade excessiva que deverá ser domesticada pelo masculino.”

⁷ Em artigo que analisa a recepção do termo feminismo na Argentina (iniciada em fins da década de 1890), Dora Barrancos (2005) aponta para o aspecto polissêmico do termo. De um lado, a noção se assimilava ao estereótipo do gênero, segundo o qual o “feminino” ou “feminil” estaria relacionado aos assuntos reprodutivos, de outro, continha uma dimensão mais política, reclamando a igualdade de direitos civis, políticos e sociais. A primeira perspectiva é reducionista e ajuda a ratificar a arbitrariedade que culpabiliza as mulheres quando elas não engravidam num casamento.



de abril de 1932). Para Müller, esse presidente, totalmente *britisch*, estaria entregando a Argentina ao capital estrangeiro. Feinmann reinsere nessa passagem do texto (embora não explicitamente) a forma de organização econômica argentina do período. Conforme José Luis Romero (1996, pp. 141-151), o governo estabeleceu em 1933 um acordo com a Inglaterra no sentido de proteger sua economia, já que a Conferência de Ottawa (que implicava uma política de protecionismo entre os países pertencentes ao Império Britânico) afetava fortemente as exportações argentinas.

La respuesta fue una gestión diplomática que dio como resultado la firma del tratado Roca-Runciman, por el que se establecía un régimen de exportaciones de carnes argentinas compensadas con importantes ventajas concedidas al capital inglés investido en el país. (ROMERO, 1996, pp. 143-144).⁸

A recuperação histórica do período que Feinmann leva a cabo ganha uma dimensão no jogo literário que possui relações muito importantes na vida do personagem de Leandro. Segundo a afirmação do tenente Müller: “*Este país es estéril [...] Si no se lo cogen los de afuera... Este país, [...], si no lo fornican los extraños no tiene vida*” (FEINMANN, 2007, pp. 122-123).

Decisivo para a Argentina, mas também decisivo para a vida de Leandro, pois, novamente, a afirmação é uma *figura* da situação que se desenrolará em relação à vida desse personagem.

Não podendo engravidar sua esposa e sabendo que esse é o grande desejo do seu pai, Leandro tem uma ideia incomum: decide que sua esposa deveria engravidar de Mario Bonomi. Numa das mais bonitas e elaboradas passagens do livro, essa decisão é espelhada pela história do filme *Frankenstein* (1931). A conversa com o cinéfilo proprietário do cinema de Ciervo Dorado, chamado Sanmartino, contém inúmeras alusões à situação que Leandro viveria. Conforme afirmação de Sanmartino:

“El culpado no es el Monstruo, pibe. Te dije, el Monstruo es la víctima. El culpable es Frankenstein. Sólo Dios puede crear la vida. ¿Es el mensaje de la película, no? El hombre que quiere usurpar el lugar de Dios y crear la vida sólo puede crear monstruos. ¿Vos qué decís?” (FEINMANN, 2007, p 130)

É justamente o que Leandro iria fazer: tentar criar vida, por isso não pode responder ao questionamento do interlocutor. É incapaz de fazê-lo. É significativo que a

⁸ Uma das vantagens oferecidas à Inglaterra foi a concessão do monopólio de transportes da cidade de Buenos Aires a um consórcio inglês. (ROMERO, 1996, pp. 143-144)



descrição que Feinmann faz da reação das pessoas diante dos filmes recupere uma dimensão histórica dos primórdios do cinema. Assim, *las películas* exercem uma força sobre a percepção dos espectadores que já não contém (com a mesma intensidade) nos dias atuais, quando o aparelho perceptivo humano foi adaptado a esse meio de comunicação⁹. Leandro, Pedro, Sanmartino e Laura ficam extremamente impressionados nos episódios do livro em que assistem filmes.

Mas o fato é que Leandro, a despeito das ressalvas que tem, decide que sua esposa realmente deveria passar uma noite com Mario a fim de engravidar e, assim, ele poderia fingir para o pai que lhe satisfazia o desejo (ou, poderíamos dizer, assim cumpriria *el mandato* incumbido pelo pai).

Laura, que já sentia uma atração por Mario, aceita prontamente a decisão de Leandro. Ela engravida de fato do amigo do marido, para alegria de Pedro, que agora acredita que irá ter um neto legítimo. Mas as coisas não transcorrem como Leandro havia racionalmente planejado. “Entregar” a esposa a outro é como entregar a terra ao capital estrangeiro: há um preço muito alto a pagar por tais decisões. Observo que as duas dimensões da ideia de “entregar” mantém alijados do processo os mais interessados: a mulher e o povo. O consentimento de Laura não ameniza o fundamento de dominação da decisão de Leandro, que apenas deseja o filho como prova de sua masculinidade, sem considerar o que isso acarretaria à esposa.

Leandro não consegue suportar o peso emocional engendrado pela sua decisão racional. Sente ciúmes de Laura, passa a tratá-la muito mal e acredita que foi traído pela esposa, que teria gostado de manter relação sexual com Mario. Nesse episódio, há uma dimensão forte das relações de gênero. A honra “manchada” é um dos elementos sociais que melhor expressam as assimetrias entre os sexos¹⁰.

No desfecho da história, há uma grande reviravolta nas personalidades dos personagens (que, conforme afirmei anteriormente, eram inicialmente muito delineadas). Pedro, o homem forte da família, que havia criado um pequeno império na cidade de Ciervo Dorado, morre de um ataque cardíaco numa caçada que empreendia

⁹ Conforme Walter Benjamin em ensaio concluído em 1936: “O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas – é essa a tarefa cuja realização dá ao cinema o seu verdadeiro sentido” (BENJAMIN, 1985, p. 174).

¹⁰ A literatura sobre o assunto é ampla. Para uma perspectiva panorâmica da questão na América Latina (sobretudo sob o ponto de vista jurídico) conferir o artigo de Silvia Pimentel, Valéria Pandjarian e Juliana Belloque (2006, pp. 65-134).



junto com o filho. Mas, antes disso, enlouquece, acreditando ter encontrado o lendário cervo dourado. Leandro, transtornado por haver sido desonrado inutilmente, já que o “neto” que sua esposa esperava não fazia mais nenhum sentido agora que o pai estava morto, acaba agredindo a esposa, ateando fogo no armazém do pai e suicidando-se na mesma floresta onde o pai sofreu seu ataque cardíaco.

Restam as mulheres da família, Laura e María Graeff. Após a morte do marido e do filho, María havia restaurado o grande Armazém: “[...] al frente de todo ahora, alejada de la sala de su casa, del piano, del vals de Chopin o el de Schumann, y decidida a entregarle otra vez al viejo negocio su viejo esplendor” (FEINMANN, 2007, p 171).

Assim, María deixou a privacidade e assumiu os negócios da família após a morte do marido. A configuração inicial de patriarcalismo é, desse modo, alterada. Mesmo sendo produto de uma contingência, essa alteração é significativa no que tange à questão de gênero que pode ser depreendida da narrativa. Em alguma medida, há uma emancipação do estereótipo que confina a mulher à dimensão da vida privada. Conforme Margareth Rago (1995/1996), justamente a alocação das mulheres “na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado” (p. 15) concorre para que a dominação masculina se reproduza, pautada na anulação radical da “esposa perfeita” frente ao marido. Portanto, é notório que María, a esposa de Graeff, quebre com esse ciclo de submissão e apagamento histórico no enredo de Feinmann.

Laura, por sua vez, também têm um desfecho emancipador em relação à sua caracterização inicial. Na última passagem do livro, ela visita María Graeff para uma despedida, pois deixará Ciervo Dorado e passará a viver em Buenos Aires. A conversa que empreende rapidamente com Mario Bonomi (agora o braço direito de María) é uma espécie de compacto crítico da arbitrariedade e insensatez de algumas das bases sobre as quais a dominação masculina está montada.

Laura no sabe qué decir, no sabe cómo despedirse de ese hombre. Persisten así, en incómodo silencio hasta que Mario Bonomi dice algo inesperado. Porque le pregunta se alguna vez Leandro le contó que ellos jugaron una pulseada junto al río. “Sí”, dice Laura. “Algo de eso me contó”. “Ajá”, dice Mario. “Lo suponía.” Y agrega: “¿Te dijo quién ganó?”. Laura vacila, luego dice: “No ganó él. Yo lo dejé ganar”. Laura se lo queda mirando largamente. Mario le sostiene la mirada. Ella dice: “¿Y para qué me contas eso? ¿Qué me puede importar a mí eso?”. (FEINMANN, 2007, p. 172)

O que importa para Mario, ou seja, não ocupar o lugar de perdedor numa queda



de braços, não faz o menor sentido para Laura. A força e a virilidade, tão decididamente associadas à dimensão de masculinidade (em seus aspectos estereotípicos), pouca importância têm para a reelaboração dos fatos que Laura necessita operar depois da tragédia familiar que sofreu. Do mesmo modo, o país, tomado à força pelos golpistas, que, por fazerem parte do exército, representavam justamente a força, não consegue resolver seus problemas pela via da potência¹¹. Assim, a literatura deixa patente que “*la palabra*” pode ser “*rápida como tiro de fusil*” (FEINMANN, 2007, p. 88) e, dessa forma, abranger a dimensão de crítica social.

Abstract: The essay aims to analyze the book *El Mandato* of writer and philosophy Jose Pablo Feinmann, discussing how the fiction narrative establishes a dialectical relationship with the political history of Argentine. Some aspects of the individual trajectory of the personages are read as allegories of Argentinean state. Besides, I try to reflect on the specific forms of how the book presents social elements, for example, the masculine domination and the typical problems of identity of Latin-Americans nations.

Key-words: Argentine. Mandate. Infertility. Domination.

Referências Bibliográficas

- AUERBACH, Erich. *Figura*. Tradução Duda Machado. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- ARÁN, Márcia. Psicanálise e feminismo, in *Revista Cult*, nº 133, março de 2010. (disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/psicanalise-e-feminismo/>. Acessado em: 30/08/2010).
- BARRANCOS, Dora. Primera recepción del término “feminismo” en la Argentina. *Labrys Estudos Feministas*, n. 8, 2005.
- BELLOQUE, Juliana; PANDJIARJIAN, Valéria e PIMENTEL, Silvia. “Legítima Defesa da Honra”. Ilegítima impunidade de assassinos. Um estudo crítico da legislação e jurisprudência da América Latina, in CORRÊA, Mariza e SOUZA, Érica Renata de (org.). *Vida em família: uma perspectiva comparativa sobre “crimes de honra”*. Campinas: Pagu-Núcleo de Estudos de Gênero, 2006.
- BENJAMIN, Walter. “A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica” e “Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte”. in *Arte, Magia, Ciência e Técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 165-196 e 137-164.
- FEINMANN, José Pablo. *El Mandato*. Buenos Aires: La Página, 2007.

¹¹ Numa passagem, respondendo a perspectiva do tentente Müller, segundo a qual “*el Ejército era la garantía del futuro de la patria, su verdadera fuerza, su potencia*”, Graeff diz “*que la Argentina era un país potente por naturaleza y que no necesitaba de la potencia de las armas sino de la sabiduría de una administración cautelosa.*” (FEINMANN, 2007, pp. 29-30).



RAGO, MARGARETH. Adeus Ao Feminismo? Feminimo e Pos-Modernidade No Brasil. *Cadernos do Arquivo Edgar Leuenroth*, v. 3, n. 3, 1996/1997, pp. 11-43.

ROMERO, José Luis. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1996.

SCHWARZ, Roberto. “Nacional por subtração”, in *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 29-48.